

Somos todos ativistas e agentes da transformação

Escolhas e fazeres afetam o mundo e as pessoas à nossa volta, seja pela ação consciente, intencional e engajada, seja pela omissão, como escolha passiva com consequências reais

Daniela Marques Grelin
2 de dezembro de 2020

MARCOS SANTOS/USP/AGÊNCIA BRASIL



21 dias de ativismo: problema da violência contra a mulher se perpetuou e atravessou gerações incontáveis no Brasil, alimentado pelo silêncio e pela invisibilidade

Entre 20 de novembro, Dia da Consciência Negra no Brasil, e 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, observamos o período conhecido como 21 dias de ativismo. Este período, que ganha alcance e relevância a cada ano, nos convida a traduzirmos em ação o nosso desejo de ver concretizados aqueles direitos inalienáveis de cada ser humano: o direito à vida, a liberdade, à dignidade, à busca da felicidade, entre outros. Ainda permeado por associações negativas e uma boa dose de desconfiança, o termo ativismo é objeto de interpretações divergentes.

Por um lado, compreendido como punitivismo e ação pautada pela beligerância, desperta medo e aversão a ponto de atrair adeptos a promessas de campanha política votadas para eliminar qualquer forma de ativismo. Por outro, lado é definido, como aprendi semana passada pelas palavras de Jurema Werneck, como a opção prática de “colocar a esperança em movimento”. Trata-se do compromisso prático com ações que nos aproximam de um ideal comum a ser atingido”.

A lacuna semântica entre estas interpretações já dá uma dica do quanto o termo e a prática podem gerar compreensões, avaliações e julgamentos os mais diversos. Vale então, para fins de clareza, adotarmos uma definição de dicionário sobre o termo:

Ativismo: substantivo masculino. Transformação da realidade por meio da ação prática. Doutrina ou argumentação que prioriza a prática efetiva de transformação da realidade em oposição à atividade puramente teórica. (Fonte: Dicio, Dicionário online de Português).

Será que é possível não transformarmos a realidade por meio da ação prática? Será que é possível passarmos pela vida sem que os nossos valores, atitudes e escolhas tenham algum efeito prático, por menor que seja, sobre os relacionamentos, os mercados e as estruturas de poder? Seria possível que nossa existência tivesse efeito zero sobre o momento que vivemos como família, comunidade, sociedade e nação? Ainda que isto fosse possível, seria desejável?

O escritor israelense Yuval Harari nos lembra que “o silêncio não significa neutralidade. É um voto pelo status quo”. De fato, nossas escolhas e fazeres afetam o mundo e as pessoas à nossa volta, seja pela nossa ação consciente, deliberada, intencional e engajada, seja pela omissão, como escolha passiva com consequências incontornavelmente reais. Somos agentes da transformação, por meio de nossas intenções e ações, ou agentes da permanência, por meio da aceitação ou omissão.

Sabemos que por muito tempo, mais tempo do que gostaríamos de admitir, o problema da violência contra a mulher se perpetuou e atravessou gerações incontáveis, alimentado pelo silêncio e pela invisibilidade. Jogar luz sobre o tema e ampliar a voz das mulheres pode ser uma forma de dar vazão e consequência a um sentimento de indignação criativa que transforma-se em olhar atento, acolhimento, prevenção ou proteção.

Cada homem que se recusa a se referir às mulheres de forma desrespeitosa ou difamatória, que interrompe a cadeia de transmissão de piadas que objetificam a mulher, ensinando outros homens a fazerem o mesmo, pelo exemplo e conscientização, é um ativista.

Cada mulher que enxerga outra mulher com curiosidade genuína e compaixão ouve-a sem julgamentos e se estende como uma ponte em uma jornada de libertação é uma ativista. Cada uma das nossas sensibilidades e habilidades toca a vida de pessoas ao nosso redor e isso ganhou uma escala sem precedentes no mundo da comunicação global instantânea, das mídias sociais e das inovações disruptivas.

Diante das forças de transformação avassaladoras destravadas pela tecnologia, mais do que nunca, ser ativista deve ser, além de uma consequência natural das nossas escolhas, o resultado de um exercício diário das nossas responsabilidades morais, com consciência, integridade e consequência.

Daniela Marques Grelin

Gerente Sênior do Instituto Avon. Possui MBA em marketing global pela Thunderbird School of Global Management e pós-graduação em gestão de negócios pela Fundação Getúlio Vargas. É especialista em liderança executiva pela Universidade de Pittsburgh, bacharel em comércio exterior pela Faculdade de Ciências Gerenciais da UNA e tem a certificação Six Sigma Black-Belt

<https://www.fontesegura.org.br/multiplas-vozes/sm5qqf9mve>

